

Prefácio	9
Capítulos	
1. Um sonho diferente	11
2. O jazz antes do jazz	14
3. Ragtime e os primeiros vestígios do jazz	16
4. Um pouquinho de tudo: do Ragtime ao Choro	22
5. Choro, Chorrinho, Choroão, Chorões	26
6. New Orleans, Dixieland e Bandas de Jazz	29
7. O Samba e as Marchinhas de Carnaval	33
8. Minha família e o Samba	37
9. Louis Armstrong – o embaixador do Jazz	40
10. A Era do Swing e a popularização do Jazz	42
11. Conversa com Alberto sobre as fases do Jazz	44
12. As férias de Clara	49
13. A Época de Ouro no Brasil	51
14. As músicas preferidas de meus avós	53
15. O Rádio em 1950: Luis Gonzaga, Samba-Cangão, antes da Bossa Nova	56
16. Bebop, Cool, Bossa Nova	62
17. A Bossa Nova conquista o mundo	65
18. Os Festivais da Canção	69
19. Novos ventos sopram na música popular	74
20. O fim será o começo	76
Referências	79

1. Um sonho diferente

Outro dia acordei um pouco assustada. Havia sonhado que eu era um *jazzman*. O que? *Jazzman*? Eu nunca tinha ouvido esse nome antes e nem sabia o que a palavra jazz poderia significar. Para não ser uma ignorante total, eu sabia que jazz era uma música, ou melhor, um estilo de música. Só isso! Talvez *jazzman* pudesse ser músico que tocava essa música. Mas jazz também significava algo com dança. Que bagunça eu estava fazendo!

O engraçado é que esse termo eu nunca havia usado antes, mas me soava bastante familiar. Mas esse nome no masculino, que estranho, afinal, sou uma mulher, não seria melhor usar o termo *jazzwoman*? Será que esse termo existe? Ou será que o jazz é muito machista, e as mulheres não conseguem espaço nessa música!!! Quantas perguntas!

Bom, a verdade é que o meu sonho foi diferente. Aliás, diferente de todos que eu já tive. Eu sonhei que eu era saxofonista e tocava em diversas bandas no bairro do Brooklin, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Já imaginaram que legal? O problema é que eu não entendi nada do sonho. Eu nem sei sequer o que é jazz e muito menos estive no Brooklin, no bairro do outro lado da ponte de Nova Iorque.

O dia foi passando, e essa ideia não saía da minha cabeça. Eu me lembrava de que eu tocava sax no meio de outros músicos e às vezes o público me aplaudia. Será que eu era importante?

Na verdade estou falando de meu sonho e eu mesma nem comecei a falar de mim. Meu nome é Clara e tenho 17 anos. Estou

terminando o 3º ano do ensino médio e vou prestar vestibular para Nutrição. Eu acho essa profissão super interessante. Vou conhecer os valores dos alimentos e fazer uma dieta balanceada. Ah, quando eu me formar, eu vou trabalhar numa empresa e fazer o cardápio dos empregados, para eles trabalharem animados, terem bastante energia e produzir muito. Bom, também preciso dizer que não sou gordinha, sou "normal", nem lá, nem cá.

Aqui em casa somos quatro. Meu irmão mais novo se chama Felipe e tem 10 anos. Às vezes é meio mimado, acha que pode tudo, adora esporte, principalmente futebol, judô e natação. Diz que vai ser jogador de futebol. Aliás, quase todo menino diz isso. Eu faço somente esporte na escola, assim mesmo às vezes dou umas escapadas. Meu pai se chama Rodolfo, é comerciante e tem uma confecção. O nome da minha mãe é Cecília. Ela dá a maior força na confecção, pois é costureira e cria vários modelos que são lindos. Na verdade posso dizer que ela é estilista. Ah, moramos em São Paulo.

Como já disse, acordei pensando no sonho, mas o dia tinha de continuar. À tarde fui estudar na casa de minha amiga Andréa, pois estávamos nos preparando juntas para o vestibular. Ela mora na mesma rua que eu e tem uma família "dez". Seu pai, Agenor, é professor de matemática e a mãe, Lolita, é professora de português. Os dois já foram meus professores. A Andréa tem somente um irmão, como eu, mas é mais velho, está no segundo ano de Direito. O nome dele é Alberto e é demais. A Andréa vai prestar Administração de Empresas. Ela também adora línguas, fala bem inglês e está começando a estudar alemão e logo vai fazer espanhol também. Ela diz que quer morar fora do Brasil,

trabalhar numa multinacional. E lá vão planos e mais planos.

A verdade é que estávamos bem no meio de uma equação matemática quando Alberto chegou até o quarto dela e perguntou se o professor de saxofone havia telefonado. Naquele instante me lembrei do sonho que eu tivera horas antes. Como sou curiosa mesmo, não resisti e perguntei a ele:

– Você toca saxofone?

– Estou aprendendo.

Puxa, achei o máximo. Eu até já poderia investigar um pouco sobre essa música - jazz -, afinal ele estudava saxofone. Mas será que todo mundo que toca saxofone toca jazz? Acho que não, né, afinal há tantos estilos diferentes de música...

– Você toca jazz? – perguntei a ele.

– Como já te disse, estou aprendendo a tocar sax. Mas espero aprender jazz em breve.

Como ele percebeu que eu fiquei rodeando, puxou conversa e perguntou:

– Ei, por que este interesse por jazz?

Eu sorri e contei o meu sonho. Também disse que eu estava interessada em saber mais sobre essa música e se ele poderia me ajudar, dar alguma dica. No mesmo instante ele saiu do quarto e voltou trazendo o livro *A história ilustrada do Jazz*. Ainda me desejou boa sorte com a leitura.

Vocês não imaginam a minha alegria. Até me esqueci de que estava estudando. Inventei uma dor de cabeça qualquer e fui direto para casa. Eu estava curiosíssima com o livro que estava nas mãos. Eu me tranquei no quarto e abri o livro. Como eu sou uma garota legal, é lógico que vou contar para vocês o que eu descobri sobre o tal de jazz e a música brasileira.

2. O Jazz antes do Jazz

Antes de mais nada, preciso explicar o que o livro me contou sobre o nome "jazz". Essa palavra vem de uma língua africana chamada crioula. De origem francesa, "chasser" significa provocar, agitar, aprontar. O substantivo "chasse" significa caça. Através de um acento americano para a palavra francesa, ela passou a se chamar "jass" e só mais tarde "jazz". O jazz nasceu de uma mistura entre o folclore africano e o americano, que no caso é europeu, devido à colonização britânica. Foi no final do século 19, em Nova Orleans, no sul dos EUA, depois do final da Guerra de Secessão entre os estados do sul e do norte, que essa música começou a aparecer.

Os negros cantavam e tocavam para esquecer a saudade da terra natal. Eles faziam uma música bastante particular e improvisada, e, com isso, eles foram desenvolvendo um novo estilo de música que mais tarde seria chamada de jazz. Com esse estilo de tocar, os negros conseguiam exprimir toda a espontaneidade e a originalidade de sua raça, fazendo com que essa música só fosse tocada por músicos negros. Logo isso mudou, mas continuou a ter grupos separados por raça, pois havia muita segregação social nos EUA.

Dizem que as primeiras manifestações do jazz são o gospel e o espiritual negro, de caráter religioso e o blues, de caráter profano. O gospel é cantado nas missas e nos ritos religiosos e o espiritual negro também é religioso, mas de caráter mais teatral. Elas são formas que precederam o jazz. Muitos cantores famosos começaram a cantar nas igrejas de seus bairros e depois passaram a tocar em bailes como os cantores Stevie Wonder e Ray Charles.

O blues, de origem profana, ou seja, não era ligado a manifestações religiosas, nasceu no sul dos EUA, no meio das plantações onde os africanos trabalhavam. Também como os negros brasileiros, os africanos foram levados à América, principalmente aos estados quentes do sul, para trabalhar nas lavouras. Lá, enquanto trabalhavam, os escravos eram encorajados a cantar para aumentar o rendimento e também para esquecer seus problemas, que eram muitos: saudade, tristeza, medo, cansaço, nostalgia.

Era importante que esses cânticos fossem bastante simples para gravar rapidamente na memória. Essas melodias, quase sempre repetitivas, eram um diálogo entre um solista e um coro. No gospel também havia um diálogo, mas os textos eram mais longos e tinham sempre Deus como tema principal.

Tanto o gospel, o espiritual ou o blues eram formas de música que os negros ficavam à vontade para colocar para fora seus problemas e sentimentos. Eles colocavam na música toda aquela vida angustiada que tinham. As canções eram muitas vezes cânticos de lamúria, opressão e desespero. Com tanta criatividade, eles foram "inventando" uma nova música que mais tarde passaria a ser chamada de jazz. Mas ainda era muito cedo. Antes do jazz se firmar, apareceu ainda o ragtime.